

A ESPOSA DE PASTOR: ANÁLISE DE CRISES E CONFLITOS EMOCIONAIS

Eurípedes Pereira de Brito¹
Cynblea Ribeiro César Lima Curvo²

RESUMO

Com a virada do século e tantas transformações na igreja e na sociedade, é importante verificar se os desafios, crises e conflitos da esposa de pastor continuam sendo os mesmos de antes, e fazer uma análise se elas recebem apoio e acompanhamento, em relação a estes desafios, conflitos e crises atuais. Mesmo sabendo que é honra ser esposa de pastor não significa que ela esteja imune a emoções doentias como solidão, estresse, cansaço, nervosismo, desprezo, desespero, ansiedade, depressão e sentimentos que demonstram uma insatisfação interna. Diante dessas possibilidades, essa pesquisa propõe analisar e identificar os desafios, conflitos e crises que possam atrapalhar o seu desenvolvimento pessoal como mulher, sua cidadania, suas realizações pessoais e esposa de pastor, bem como impedir que ela contribua de forma positiva no desenvolvimento e crescimento do ministério do seu esposo. É preciso verificar quais as mudanças ocorridas nas últimas décadas e suas implicações para a igreja e a sociedade. Levando-se em consideração o papel que as esposas de pastores exercem nas igrejas que seus esposos lideram, e tendo em vista a relevante mudança na conduta da mulher na sociedade atual, sua participação como esposa de pastor tem uma pertinência diferenciada no ministério dentro das igrejas e no processo mais amplo da sociedade.

Palavras-chave: Esposa de pastor. Mulher. Desenvolvimento pessoal. Cidadania.

ABSTRACT

With the turn of the century and so many transformations in the church and society, it is important to verify if the challenges, crises and conflicts of the pastor's wife remain the same as before, and to analyze whether they receive support and follow-up in relation to these current challenges, conflicts and crises. Even knowing that it is an honor to be a pastor's wife does not mean that she is immune to

¹ Doutor em Teologia com ênfase em Aconselhamento Pastoral pela Escola Superior de Teologia da Igreja de Confissão Luterana no Brasil. É coordenador de Estágio da Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB), e professor na área de Teologia Prática na FASSEB e no Seminário Presbiteriano do Brasil Central, ambos em Goiânia. Exerce o ministério pastoral na Igreja Presbiteriana Esperança em Goiânia. E-mail: euripedesbrito@hotmail.com.

² Formada em engenharia civil, teologia pela FASSEB, pós-graduada em Docência do ensino superior pela FABEC, professora tutora na FASSEB.

unhealthy emotions such as loneliness, stress, tiredness, nervousness, contempt, despair, anxiety, depression and feelings that demonstrate internal dissatisfaction. Faced with these possibilities, this research proposes to analyze and identify the challenges, conflicts and crises that may hinder her personal development as a woman, her citizenship, her personal achievements and a pastor's wife, as well as prevent her from contributing positively to the development and growth of her husband's ministry. It is necessary to verify what changes have occurred in recent decades, to understand the challenges, conflicts and crises of the pastor's wife in the current reality, and to seek to understand how to pastorally accompany the pastor's wife. Taking into account the role that pastors' wives play in the churches that their husbands lead, and in view of the relevant change in women's behavior in today's society, their participation as pastors' wives has a differentiated relevance in the ministry within churches and in the wider process of society.

Keywords: pastor's wife, woman, personal development, citizenship.

RESUMEN

Con el cambio de siglo y tantas transformaciones en la iglesia y la sociedad, es importante verificar si los desafíos, crisis y conflictos de la esposa del pastor siguen siendo los mismos de antes, y analizar si reciben apoyo y seguimiento en relación con estos desafíos, conflictos y crisis actuales. Aun sabiendo que es un honor ser esposa de un pastor, no significa que sea inmune a emociones nocivas como la soledad, el estrés, el cansancio, el nerviosismo, el desprecio, la desesperación, la ansiedad, la depresión y sentimientos que demuestran insatisfacción interna. Ante estas posibilidades, esta investigación se propone analizar e identificar los desafíos, conflictos y crisis que pueden obstaculizar su desarrollo personal como mujer, su ciudadanía, sus logros personales y esposa de pastor, así como impedirle contribuir positivamente al desarrollo y el crecimiento del ministerio de su esposo. Es necesario verificar qué cambios se han producido en las últimas décadas y sus implicaciones para la iglesia y la sociedad. Teniendo en cuenta el papel que juegan las esposas de pastores en las iglesias que dirigen sus esposos, y en vista del cambio relevante en el comportamiento de la mujer en la sociedad actual, su participación como esposas de pastores tiene una relevancia diferenciada en el ministerio dentro de las iglesias y en el proceso más amplio de la sociedad.

Palabras-clave: Esposa del pastor. Mujer. Desarrollo personal. Ciudadanía.

INTRODUÇÃO

A esposa de pastor apesar de sempre estar ao lado de seu esposo, não importando a situação, em um passado recente, era, muitas vezes, cruelmente esquecida e simplesmente deixada de lado pela congregação liderada por seu esposo. Nesse cenário, nem sempre se avaliou o quanto essa rejeição trouxe prejuízos emocionais, não só para a esposa de pastor, mas para toda a família pastoral.

Nancy Dusilek (1995), fez uma importante análise desse quadro e registrou em seu livro, *A mulher sem nome*. Dusilek verificou alguns desafios, conflitos e crises que as mulheres de pastores enfrentavam por volta da década de noventa. Conforme sua análise, um dos desafios, que causou conflitos e crises na vida da mulher de pastor foi o fato de que ela era, uma “mulher sem nome”, sem identidade própria. Ela quase sempre era identificada apenas com o título, “esposa de pastor”. Isso não era apenas uma maneira de se referir à esposa de pastor, que não era identificada pelo nome, mas trazia consigo uma tendência de negação de sua identidade própria.

Outro aspecto observado por Dusilek, naquela época, foram os sentimentos de abandono vividos pela esposa de pastor, pela ausência de seu marido que ficava muito tempo tratando dos assuntos da igreja. Dessa forma, esposa e filhos, muitas vezes, viam a igreja como uma concorrente, aquela que rouba o marido de sua vida e família, “a outra”. Dusilek ainda observou que, em alguns casos as mulheres de pastores não eram desprezadas, mas, eram sobrecarregadas, tendo que desenvolver vários papéis na igreja que, nem sempre eram os desejados por ela, sem ter a oportunidade de desenvolver seus próprios dons espirituais, e muito menos outros aspectos de sua vida pessoal.

Com a virada do século e tantas transformações na igreja e na sociedade, é importante verificar se os desafios, crises e conflitos da esposa de pastor continuam sendo os mesmos e as implicações dessas mudanças para a igreja e a sociedade.

A esposa de pastor não tem as mesmas obrigações e atribuições que seu esposo, mas não significa que ela não tenha um papel decisivo no sucesso do ministério de seu marido e, conseqüentemente, do ministério da própria igreja.

Não existe esposa de pastor que simplesmente não faça nada, ela pode não ter o domínio em alguns ministérios eclesiais, mas, muitas vezes, ela assume sozinha, a responsabilidade da casa, da educação dos filhos, e da resolução de problemas familiares. Ela faz tudo para que o esposo possa dedicar-se integralmente à igreja de Cristo e, com frequência, suas necessidades pessoais e emocionais não são compreendidas e supridas.

O trabalho “A esposa de pastor: análise de seus desafios, conflitos e realidade atual” tem como proposta analisar e identificar os desafios, conflitos e crises que as esposas passaram até o presente momento, compreender quais as mudanças ocorridas nas últimas décadas, verificar os desafios da esposa de pastor na realidade atual.

Levando-se em consideração o papel que as esposas de pastores exercem nas igrejas que seus esposos lideram, e tendo em vista a relevante mudança na conduta da mulher na sociedade atual, sua participação como esposa de pastor tem uma pertinência diferenciada no ministério dentro das igrejas.

É importante, portanto, compreender quais são os desafios, conflitos e crises que as esposas de pastores enfrentaram e verificar e compreender as grandes mudanças sociais e eclesiais que estão ocorrendo em relação às funções das mulheres na igreja e na sociedade e suas implicações para a mulher do pastor.

A hipótese desta pesquisa está na compreensão de que o reconhecimento dos desafios, conflitos e crises da mulher de pastor, e as transformações históricas que estão ocorrendo a partir de uma perspectiva bíblica e teológica, contribuirá de forma significativa para compreender melhor o lugar e as funções da esposa do pastor como parte importante da igreja de Cristo.

O objetivo geral da pesquisa é refletir sobre a vida da mulher de pastor, seus desafios, conflitos e crises e as grandes transformações sociais que estão enfrentando. Os objetivos específicos são: 1. Fazer pesquisa bíblica no Antigo Testamento sobre mulheres de líderes espirituais, buscando compreender quais foram os seus maiores desafios, crises e conflitos, como um referencial de análise dos desafios, conflitos e crises da mulher de pastor e compreender os ensinamentos e propósitos de provérbios trinta e um em relação “à mulher virtuosa”. 2. Verificar por meio de pesquisa bibliográfica como algumas pesquisas

e posicionamentos de teólogos, compreendem os desafios, conflitos, crises e mudanças sociais em relação às funções da esposa de pastor e as possíveis implicações na sua vida.

A pesquisa toma como base a revisão bibliográfica da obra de Adams, *Conselheiro Capaz* (1982), Dusilek, *Mulher sem nome* (1995), e obras atuais, como o livro de Joshua Andrade, *A mulher do pastor, quem é ela?* (2015). E, o texto de Furman, *A esposa do pastor*, (2016).

A metodologia usada para esta pesquisa envolve a análise bíblica, exegética e teológica. A apresentação do trabalho se dará em dois capítulos. No primeiro capítulo, procura-se verificar pela pesquisa exegética e hermenêutica os desafios, conflitos e crises de esposas de líderes no Antigo Testamento e as compreensões dos desafios e ensinamentos da “mulher virtuosa” em Provérbios trinta e um. No segundo capítulo, serão analisadas as contribuições bibliográficas e teológicas sobre os desafios, conflitos, crises e mudanças atuais nas funções da esposa de pastor.

1. ESPOSAS DE LÍDERES ESPIRITUAIS: ANÁLISE BÍBLICA

Muitas mulheres foram lembradas nas páginas do Antigo Testamento das Escrituras Sagradas por terem participado de ações decisivas para a conquista e libertação do povo de Deus, como Jael que matou Sísera capitão do exército do rei de Canaã, opressor dos israelitas (Jz 4.21); como Débora, profetiza que julgava a Israel naquele tempo (Jz 4.4) ou como Raabe, a meretriz que, de acordo com o conceito moral da sociedade, não seria digna de ser lembrada, quanto mais reconhecida (ver, p. ex., Js 2), mas por suas ações terem sido determinantes na conclusão da incumbência dos espias mandados por Josué à cidade de Jericó, ela é destacada como uma mulher de fé (ver, p. ex., Js 2.1).

Todos esses testemunhos são de grande importância para um estudo sobre a vida de mulheres como líderes nas Escrituras Sagradas. Contudo, essa pesquisa procura destacar algumas mulheres que foram esposas de líderes espirituais no contexto do povo de Deus. Mulheres que enfrentaram grandes desafios, crises e conflitos como esposas de líderes espirituais, e que desafiam a análise e reflexão para uma melhor compreensão da vida e do papel de esposa de pastor, como líder espiritual do povo de Deus.

É importante observar que os líderes em Israel, além dos profetas e sacerdotes, desenvolviam papel pastoral exigido por Deus na nação, os reis, os juízes e outros. Tanto é assim, que o Senhor cobra deles uma postura, e disciplina-os, quando agiam de forma que contrariava o propósito de cuidado pastoral do povo do Senhor.

1 Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: 2 Filho do homem, profetiza contra os pastores de Israel; profetiza e dize-lhes: Assim diz o SENHOR Deus: Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas? 3 Comeis a gordura, vestis-vos da lã e degolais o cevado; mas não apascentais as ovelhas. 4 A fraca não fortaleceste, a doente não curaste, a quebrada não ligaste, a desgarrada não tornaste a trazer e a perda não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e dureza. 5 Assim, se espalharam, por não haver pastor, e se tornaram pasto para todas as feras do campo. 6 As minhas ovelhas andam desgarradas por todos os montes e por todo elevado outeiro; as minhas ovelhas andam espalhadas por toda a terra, sem haver quem as procure ou quem as busque. (Ez 34.1-6).

Neste texto do profeta Ezequiel, o Senhor se coloca contra os líderes de Israel por serem negligentes como pastores (líderes espirituais) de seu povo, “Ai dos pastores que destroem e dispersam as ovelhas do meu pasto! - diz o SENHOR.” Deus chama os líderes de Israel de pastores, o que é observado, também, nas palavras do profeta Jeremias, “Portanto, assim diz o SENHOR, o Deus de Israel, contra os pastores que apascentam o meu povo: Vós dispersastes as minhas ovelhas, e as afugentastes, e delas não cuidastes; mas eu cuidarei em vos castigar a maldade das vossas ações, diz o SENHOR.” (Jr 23.2).

O que se destaca, para essa pesquisa, portanto, é que as esposas dos líderes de Israel, podem, de alguma forma, serem vistas como esposas de pastores, segundo os textos citados. Dessa forma, olhar para as esposas de líderes no Antigo Testamento, com suas crises, lutas e conflitos, ajudará, em algum sentido, na busca de compreensão da vida da esposa de pastor, que, também tem enfrentado desafios, crises e conflitos, como esposa de líder espiritual do povo do Senhor no decorrer da história. Nesse capítulo, serão destacadas algumas importantes mulheres de líderes com seus desafios, conflitos e crises, para compreender, as próprias crises, conflitos e crises que se perpetuam na vida de mulheres de líderes do povo de Deus, bem como se verificará os

ensinos e desafios do texto de Provérbios trinta e um, com suas implicações para a mulher de pastor na atualidade.

1.1 EVA, CRISES E CONFLITOS NA RELAÇÃO DE GÊNERO NO CONTEXTO DA FAMÍLIA DE LÍDERES ESPIRITUAIS

Homem e mulher foram criados por Deus à Sua imagem e semelhança. Em meio às criaturas de Deus, o ser humano nasce como imagem de Deus e é essa imagem que o difere das demais criações. É essa essência que liga o homem a Deus. (HOEKEMA, 2010, p. 23-26). Também disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que se move sobre a terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”. (Gn 1.26,27)

Os animais foram criados ‘conforme a sua espécie’. Mas o homem foi criado ‘conforme a espécie de Deus’, ou seja, de acordo com a Sua natureza, o que prevê a final participação do homem na natureza divina. A imagem (no hebraico, *selem*) fala sobre a imagem mental, moral e espiritual de Deus. (CHAMPLIN, 2001, p. 15).

Por ser imagem e semelhança de Deus, o homem podia comunicar-se com o Senhor, ter comunhão com Ele e expressar de modo incomparável o Seu amor, glória e santidade. Adão e Eva viviam em comunhão pessoal com Deus, um relacionamento que abrangia obediência moral e plena amizade. Por causa dessa imagem e semelhança, a humanidade está mais próxima de Deus do que o restante da criação. Esse fato determina o papel da humanidade na terra e possibilita sua comunicação com o divino. A Teologia reconhece que o ser humano não foi criado por Deus por alguma necessidade do Criador. O Senhor, em sua Trindade eterna, usufruía de uma viva e íntima comunhão, nessa comunhão não havia qualquer tipo de solidão ou necessidade.

As únicas obras que são inerentemente necessárias, como uma necessidade resultante da própria natureza de Deus, são as *opera ad intra*, as obras das pessoas do Ser Divino, separadamente consideradas: geração, filiação e processão. Dizer que a criação é um ato necessário de Deus é declarar também que ela é tão eterna como as obras imanentes de Deus. Se algum tipo de necessidade deve ser

atribuída às *opera ad extra* de Deus, é uma necessidade condicionada pelo decreto divino e pela resultante constituição das coisas. É uma necessidade dependente da soberana vontade de Deus, e, portanto, não é necessidade no sentido absoluto da palavra. A Bíblia nos ensina que Deus criou todas as coisas segundo o conselho da Sua vontade, Ef 1.11; Ap 4.11; e que Ele é auto-suficiente e não depende de Suas criaturas, de modo nenhum, Jó 22.2,3; At 17.25. (BERKHOF, 2012, p. 121).

O Senhor não cria o ser humano por necessidade, contudo concede-lhe a bênção de ter sido criado para relacionar-se com Deus e com seu próximo. O Senhor Deus, como um Pai amoroso, ao criar o ser humano buscava o seu bem-estar e a sua felicidade como criatura dependente da graça divina. Segundo Berkhof (2012, p. 121), “Ele condescendeu em baixar ao nível do homem, revelar-se como Amigo e habilitar o homem a melhorar a sua condição no caminho da obediência.” No que diz respeito ao relacionamento pessoal com Deus, havia uma nutrição profunda na amizade com o Pai. Para o bem-estar e felicidade do homem, Deus cria a família, começando com a esposa, ao se preocupar com a solidão de Adão. O Senhor cria Eva para a sua felicidade, e assim, Adão fica extremamente feliz com a criação da mulher e a presença dela em sua vida. (Gn. 2.23,24). Havia plena comunhão e felicidade, numa relação perfeita com o Pai, e um com o outro, homem e mulher.

No entanto, a desobediência humana trouxe grandes consequências para o relacionamento conjugal. Para o reformador Martinho Lutero, após a queda de Adão, o ser humano deixou completamente de ser imagem e semelhança de Deus. (Champlin (2001, p. 1) “Lutero acreditava que o homem perdeu a imagem de Deus por ocasião da queda.” Para João Calvino, o homem perdeu uma parte muito importante da imagem e semelhança, porém não tudo, pois se houvesse uma perda total, o homem teria deixado de ser homem. Luiz Berkhof, como teólogo calvinista expressa muito bem o seu pensamento.

Mas não se deve restringir a imagem de Deus ao conhecimento, à justiça e à santidade originais, perdidos devido ao pecado; ela inclui também elementos que pertencem à constituição natural do homem. São elementos que pertencem ao homem como tal, como as faculdades intelectuais, os sentimentos naturais e a liberdade moral. Como um ser criado à imagem de Deus, o homem tem uma natureza racional e moral, que não perdeu com o pecado e que não poderia perder sem deixar de ser o homem. Esta parte da imagem de Deus de fato foi corrompida pelo pecado, mas ainda permanece no homem, mesmo depois de sua queda no pecado. Note-se que o homem, mesmo após a queda, independentemente da sua condição espiritual, é apresentado como imagem de Deus, Gn 9.6; 1 Co 11.7; Tg 3.9. Deve-se a atrocidade do

crime de homicídio ao fato de que é uma agressão à imagem de Deus. À luz destas passagens da Escritura, não há base para dizer que o homem perdeu completamente a imagem de Deus. (BERKHOF, 2012. p. 193).

Contudo, a queda afetou profundamente o ser humano como indivíduo e também os seus relacionamentos. Morte espiritual, solidão, doenças físicas, psíquicas, emocionais, conflitos e crises profundas nos relacionamentos.

A palavra hebraica que corresponde a “homem”, (Gn 1.27), é a palavra *Adam*. Ela é empregada como nome próprio (ver, p. ex., Gn 2.19) e também no sentido genérico, ser humano (ver, p. ex., Gn 1.27). *Adam* também pode ser usado no sentido de humanidade (ver, p. ex., Gn 6.5). Em Gênesis 2:18-25, lê-se sobre a criação da mulher. Com a declaração de Deus: “Não é bom (*lō’ tōb*) que o homem (*ish*) esteja só...” (ver, p. ex., Gn 2.18^a), percebe-se que algo estava faltando para o homem e dessa necessidade Deus cria a mulher (*isha*) da costela do homem.

No hebraico, *isha*, mulher é tomada do *ish*, homem. A mulher se completaria no homem e o homem na mulher. Eles foram criados de formas diferentes, mas com a mesma essência sendo os dois a imagem e semelhança de Deus. A imagem foi dada sem discriminação de homem e mulher, estabelecendo que eles seriam iguais diante de Deus, diferindo somente nas funções. Dentre essas funções o homem seria o líder espiritual da família. (HOEKEMA, 2010, p. 23 - 26).

Tanto o homem como a mulher, ambos, de forma semelhante, foram formados à imagem de Deus. Embora diferentes em relação à sexualidade e no papel ou nas atribuições que cada um exerce, na Bíblia está muito claro que o homem e mulher são iguais no sentido de que são criaturas que carregam em si a imagem de Deus. Neste aspecto o macho não é superior à fêmea, nem a fêmea é superior ao macho. Ambos carregam igualmente a imagem de Deus. (KNIGHT, 2014, p. 5).

No verso dezoito, verifica-se que a mulher foi criada para o homem, como uma auxiliadora (*‘ezer*) fiel. Ela foi entregue por Deus ao homem que diz: “Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne.” (Gn 2.23) e o homem viu que a mulher era adequada para ele. Somente no capítulo três, verso vinte, após a queda, Adão chama a mulher de Eva. Eva que em hebraico é *Hawwah* e significa “vida” ou “doadora de vida”. Homem e mulher, Adão e Eva, viviam em perfeita harmonia um com o outro, não havia disputa, vingança, conspirações secretas,

culpa, medo, vergonha ou rebeldia. Não existia luta para afirmação de identidade, ansiedade ou depressão.

A convivência com Deus trazia a mais perfeita comunhão. (ARNS, GORGULHO, ANDERSON, 2004, p. 13). Kemp (2012, p. 14), faz um importante comentário sobre o texto bíblico de 1 Pedro 2.13, no qual o apóstolo está tratando do tema da submissão. Kemp destaca que Cristo foi submisso ao Pai, e isso não o tornava inferior. A submissão está apenas relacionada à função de Cristo na economia da redenção. Portanto, na relação de gênero, no contexto familiar, da mesma forma, a mulher é igual ao homem em essência, contudo com funções diferentes, ela exerce o papel de auxiliadora.

Não há uma diferença de valor entre o homem e a mulher aos olhos de Deus. De fato, a Bíblia afirma que em Cristo não existe mais diferença, que n'Ele nós somos iguais, homem e mulher, de qualquer nacionalidade, todos somos um em Cristo. Pedro está falando de uma diferença de função. A função da mulher é diferente da função do homem. (KEMP, 2012, p. 14).

Outro aspecto importante é o mandato cultural (princípios, regras, valores e relacionamentos) que foi dado por Deus aos dois, ou seja, a responsabilidade de desenvolver e manter tudo aquilo que havia sido criado por Deus. Por meio desse mandato, Deus colocou a humanidade em um relacionamento singular com a criação. A importância e o poder de governar são um indício da imagem de Deus, já que em Gênesis 1.28, Deus lhes dá o poder de governar sobre toda a criação. Governar exige capacidade intelectual para argumentar, organizar, planejar e avaliar. Sendo assim, os dois têm a mesma capacidade para responder ao mandato cultural.

Portanto, são aliados e não concorrentes nas atribuições impostas por Deus. Em essência, homem e mulher refletem a igualdade fundamental de Deus e são iguais perante Ele, têm apenas funções diferentes. Adão e Eva exerciam o mandato cultural e cultivavam um relacionamento harmonioso em comunhão com Deus e um com o outro, desenvolvendo suas funções complementares no crescimento em unidade.

A mulher foi criada para ser a amável companheira do homem e sua auxiliadora ('ezer). Essa palavra não é algo para a depreciação da mulher, pelo contrário, ela significa a contribuição essencial da mulher e não a depreciação da

mesma. Daí ela ser partícipe da responsabilidade de Adão e com ele cooperar no plano de Deus para a vida dele e da família. (BRUCE, 2012, p. 123). Mas, infelizmente com a entrada do pecado essa harmonia foi quebrada, afetando todos os aspectos dessa parceria. (HOEKEMA, 2010, p. 27).

Portanto, percebe-se que em essência, homens e mulheres são iguais perante o Senhor, e que há diferenças, apenas em suas funções e responsabilidades. Ao homem foi dada a função de liderança amorosa e às mulheres a função de auxiliá-lo no seu papel, como uma auxiliadora idônea. O fato de ser auxiliadora não fazia de Eva um ser menor, ou com menos valor. As diferentes funções não faziam com que eles fossem opostos entre si, antes, complementares, sendo “uma só carne”. Ser líder espiritual não pode ser visto como um exercício de poder opressor, antes está ligado à ideia de nutrição, cuidado e amor. Ser auxiliar não pode ser visto como algo deprimente, que diminui alguém ou o humilha, Deus mesmo, sendo o Senhor, se fez auxílio de seus filhos, “Nossa alma espera no SENHOR, nosso auxílio e escudo.” (Sl 33. 20). Ele o supremo Senhor, vem ao auxílio de seus filhos que são incomparavelmente menores.

1.1.1 As tendências de crises e conflitos nas relações de gênero

Como consequência da queda, no capítulo três de Gênesis, Deus declara para Eva: “E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua conceição; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.” (Gn 3.16). Nota-se que, a partir daquele momento, o parto seria uma ocorrência dolorosa e potencialmente fatal. Essa condição é um dos terríveis resultados da queda. Eva, também, sofreria mudanças na sua vida e em seu relacionamento conjugal, em consequência de seu pecado. Esse pecado alteraria cada pensamento, desejo, palavra e ação.

Entende-se que o fato de Deus anunciar que o desejo de Eva seria para seu marido, indicaria uma tentativa de controle por parte de Eva sobre o homem, o que já havia acontecido quando ela tomou a frente de Adão, insistindo para que este comesse o fruto, depois dela ter ouvido a serpente. O que não significa dizer que a responsabilidade da queda e a culpa era apenas de Eva. Na verdade, o Senhor responsabilizaria a Adão, que era o líder espiritual de Eva e, não somente

ficou calado, mas negligenciou sua função de líder espiritual de seu lar e se rendeu, comendo do fruto. Berkhof (2012, p. 212), tratando da origem do pecado na raça humana afirma: “Com respeito à origem do pecado na história da humanidade, a Bíblia ensina que ele teve início com a transgressão de Adão no paraíso e, portanto, com um ato perfeitamente voluntário da parte do homem.”

De outro ponto de vista, o texto demonstra as tendências machistas de controle, por parte do marido a partir da queda, “[...] e ele te dominará” (Gn 3.16). Deus não está falando que ele governaria como uma bênção. Essa palavra não aparece antes da queda, indicando tendências de autoritarismo, um tipo de maldição como consequência da queda. Pelo contexto, compreende-se que Deus está declarando as consequências da queda no relacionamento conjugal. Ela teria que lidar com as tendências próprias de tentativa de controle sobre seu marido e com as tendências de seu marido ao autoritarismo e todas as predisposições à superioridade e à opressão. (HOEKEMA, 2010, p. 27).

Na antiguidade, essa supremacia do homem era exercida mediante um tratamento extremamente arbitrário, e com frequência, isso continua até os tempos modernos. Todo domínio e ditadura que uma pessoa possa manter sobre outra deve ser tida como parte da desordem reinante e resultante do pecado. (CHAMPLIN, 2001, p. 36)

Portanto, a função de auxiliar, dada pelo Senhor a Eva, no contexto da criação, não seria escravidão ou castigo, como ficou demonstrado acima. Essa função foi ordenada por Deus como uma forma de cuidado e zelo para com a mulher e para o relacionamento conjugal familiar, antes do pecado. A submissão da mulher não é uma questão de inferioridade, mas, sim, uma ordenação que Deus instituiu na família em termos de função e não de essência. Os problemas e conflitos ocorrem, por um lado, quando Eva pecou contra Deus e isso a fez ao relutar contra duas coberturas: a de Deus e a de seu marido, Adão. Por outro lado, os problemas vieram pela desobediência e omissão de seu marido, que estava lá, e tinha a obrigação de cobri-la. Ele não apenas ficou calado, mas concordou em comer do fruto, tendo, em si, a responsabilidade principal diante do fato. Assim sendo, o conflito não está nas funções, e, sim, na rebeldia. (BLISS, 1954).

No contexto da rebeldia de ambos, o grande problema é que um passa a acusar o outro, sem cada um assumir a culpa real diante da desobediência a Deus e, da mesma forma, tendem para atitudes de manipulação e controle no

relacionamento. Qualquer posicionamento que insista em focar na culpa, na tentativa de ajudar na solução dos problemas dos relacionamentos, não progredirá de forma positiva. Da mesma forma, insistir em buscar quem tem o direito de controle e manipulação na relação conjugal, só reforçará os problemas. O mais importante seria focar na busca da essência do que significa ser homem e ser mulher, e suas funções baseadas na graça, conforme o projeto original de Deus por meio de Cristo, mesmo nas batalhas advindas com a queda.

1.1.2 As tendências e conflitos oriundos da presença da dor na vida da mulher

Seu parto seria com dores aumentadas. Além das dores no parto em si, a mulher poderia enfrentar a dor por estar sujeita a esterilidade. Esta condição trouxe traumas às mulheres, visto que não ter filhos no oriente era quase que uma maldição divina. (TENNEY; PACKER; JÚNIOR; 1982, 38,39). As dores relacionadas à gravidez ou ausência dela, bem como relacionadas ao parto, nas situações de depressão pós-parto, são tendências oriundas da presença da dor. O fato é que o tema da “dor” na vida da mulher é uma realidade que afetará constantemente toda a sua existência.

No Antigo Testamento, quando em um casamento a mulher era estéril, toda a família sofria com esse problema, todos eram apontados como desonrados e desprovidos da graça de Deus. Tanto nas leis de Israel como no Código de Hamurabi, (conjunto de leis criadas na Mesopotâmia, por volta do século XVIII a.C., pelo rei Hamurabi da primeira dinastia babilônica, era baseado na Lei de talião, “olho por olho, dente por dente”), haviam leis que regiam e preservavam o matrimônio. Essas leis legitimavam, no caso de esterilidade da esposa, o direito do homem em adquirir uma concubina e os filhos dela teriam os mesmos direitos dos possíveis herdeiros da esposa. Nessa época o conceito de família, incluía todos os membros: tios, tias, primos e servos. Todos estavam sob o domínio do patriarca e o servia, esse também exercia o papel de sacerdote (ver, p. ex., Jó 1.5). (GOWER, 1987, p. 60 – 66).

Em meio a toda essa diversidade estava a esposa lutando, dentro dos seus direitos e obrigações, pela satisfação e estabilidade conjugal. Nos tempos bíblicos, a mulher não tinha muitos direitos, apesar de muitas delas serem amadas

e respeitadas e viviam sob a dinâmica patriarcal, os seus principais propósitos eram dar filhos ao marido, educá-los nos primeiros anos de vida, e cuidar do lar. Ela prontamente assumia um lugar de submissão ao esposo, sendo “auxiliadora” do marido (ver, p. ex., Gn 2.18) e aquela que “lhe faz bem, e não o mal, todos os dias de sua vida” (ver, p. ex., Pv 31.12). Ainda que cuidar do marido e do lar fosse a principal ocupação das mulheres, existiam exceções como Miriã (ver, p. ex., Ex 15.20), Débora (ver, p. ex., Jz 4:4), Hulda (ver, p. ex., 2 Rs 22.14) e Ester (ver p. ex., Ester) que foram líderes políticas e religiosas que exerceram papel este papel na nação israelita. (GOWER, 1987, p. 55,56).

De qualquer forma, como vimos, o tema da dor será uma realidade presente em sua vida, e um desafio a ser enfrentado nas várias dimensões pessoais, existenciais e relacionais.

1.2 SARA, DESAFIOS, CONFLITOS E CRISES AO LIDAR COM OUTRA MULHER NA VIDA DO MARIDO, E COM A NEGAÇÃO DE SUA IDENTIDADE

1.2.1 Lidando com a presença da “outra.”

A primeira mulher estéril, de uma longa lista, mencionada na Bíblia é Sara (Gn 11.30). Sara era esposa de Abraão (Gn 11.29), nora de Terá (11.31). Sara, Abraão e sua família partiram de Ur dos caldeus para Canaã, mas pararam em Harã e fixaram moradia. Deus fez uma promessa a Abraão: “E far-te-ei uma grande nação, e engrandecerei o teu nome, e tu serás uma benção” (Gn 12.2), mas para que se cumprisse, sua esposa Sara teria que gerar filhos e filhas. Abraão aos 75 anos, sai de Harã rumo à Canaã, para cumprir a promessa que recebeu de Deus e com ele sua esposa Sarai, seu sobrinho Ló e toda sua fazenda. Dez anos após a chegada à Canaã, Sarai ainda não havia dado à luz e precipitadamente oferece a Abrão sua serva Agar, uma egípcia, gerando assim a Ismael (Gn 16).

Era precária a situação da mulher na sociedade antiga. Uma mulher sem filhos facilmente poderia ser substituída por outra, dotada de rosto bonito, e fértil. As mulheres achavam alguma segurança quando se tornavam mães, e a competição entre mulheres, no tocante aos homens, não era sexual (o homem fazia o que melhor lhe agradava). (CHAMPLIN, 2001, p. 99)

Sara, assim como Eva no Éden, mais uma vez comporta-se com precipitação, sem esperar as realizações das promessas de Deus, oferece Agar, sua serva, para que ela gerasse filhos para Abraão. Por causa dessa insensatez, Sara é desprezada por Agar (Gn 16.4). Sara, além de lidar com a esterilidade, também, teve que suportar ver Agar envolver-se com seu marido, Abarão. Embora Sara fosse uma mulher de grande beleza, ela se sentia insegura no tocante ao envolvimento de Abraão com Agar. Mesmo que tenha sido Sara que ofereceu Agar a Abarão, ela se sentiu incomodada com a situação.

Quando Ismael nasceu, Sara vê seu marido, Abraão devotar todo seu amor a uma criança que não nasceu de seu ventre, esse nascimento gerou em Sara ciúmes e sentimento de rejeição. Abraão, que passivamente obedeceu a Sara, vê-se diante de um conflito familiar e emocional e faz escolhas irresponsáveis, expulsando para o deserto, Agar e seu filho Ismael (Gn 21.14).

Contudo, o Senhor abençoou a Sara e ela concebeu um filho e lhe deu o nome de Isaque (Gn 21.2). Abraão tinha cem anos e Sara noventa. (Gn 21). Isaque, o filho da promessa, finalmente nasceu e por meio dele Deus continuaria seu concerto com Abraão. Agora Sara e Abraão podem ver o mundo todo rindo com eles. A alegria por causa de qualquer criança era especialmente grande na celebração de desmame no Antigo Oriente. (BRUCE, 2012, p. 135). Essa questão da presença de outra mulher no seio da família sempre foi um grande conflito, ainda que o Senhor Deus tenha tolerado a poligamia no meio de seu povo. Essa realidade social sempre causou constrangimentos e dores às esposas.

1.2.2 Lidando com a negação da identidade

Sara uma mulher de extraordinária beleza, foi rejeitada duas vezes por Abraão, pois esse tinha medo de ser morto pelos egípcios e por Abimeleque (Gn 12. 11-20, 20:1-18). Essa atitude foi brutal, sem dúvida, ainda que isso fizesse parte da maneira de pensar da época. As Escrituras são imparciais em relatar os crimes dos mais conhecidos santos, que são mencionados, não para que os imitemos, mas para nossa repreensão, para que aquele que pensa estar em pé possa tomar cuidado para não cair. Sara era uma esposa submissa (ver, p. ex., 1 Pe 3.6) e procurou não contestar tão grande mentira, e enfrentou a negação de sua identidade como esposa que deveria ser protegida, amada e afirmada.

A mentira se deu pelo fato de Abraão ter continuado a viagem pela vista humana e não pela fé, já que os cananeus habitavam a terra que Deus havia prometido para ele. Isso e a fome que assolava a região o fez seguir em direção ao Egito e morar lá. Abraão, quando se vê diante do risco de morte por causa de Faraó e Abimeleque, prefere mentir a enfrentar a situação que ainda estava por vir. Deixa de confiar em Deus e arquiteta um plano colocando Sara, sua esposa, no meio dessa manobra. Abraão, envolto em seu propósito, não pensou no quanto aquilo seria destrutivo para os envolvidos. Essas ações geraram dolorosos traumas emocionais que marcaram e interferiram no padrão de vida de todos. (DEN, 2008, p. 7,8).

O fato é que à Sara foi negado, por mais de uma vez, a sua identidade, ficando como uma mulher “sem nome”. Ela era esposa de Abraão? Era sua irmã? Embora o texto demonstre que ela era meio irmã de Abraão, ainda assim, era sua legítima esposa. Assim, Sara esteve sob grandes riscos e privações, em relação à sua própria integridade física, emocional e sexual.

1.3 A MULHER DE LÓ: DESAFIOS E CONFLITOS EM PROCESSOS DE TRANSIÇÕES E MUDANÇAS

Não existe detalhes sobre a mulher de Ló. O passado dela é desconhecido, assim como seu nome. Na Bíblia ela é mencionada pela primeira vez em Gênesis (Gn 19.26). Ló, filho de Arã, acompanhou seu tio Abraão quando este partiu para Ur dos caldeus (Gn 11.26-31; 12.5; 13.5). Como os rebanhos de ambos aumentaram muito, decidiram se separar e Abraão deixou Ló escolher a melhor terra (Gn 13.10,11). Em Gn 13.12, tem-se o relato de que Ló habitava em Sodoma, na campina do Jordão e em Gn 19, inicia-se a história de sua mulher.

Deus então decide destruir Sodoma e Gomorra, por causa de suas transgressões. Ló estava à porta da cidade, provavelmente quer dizer que ele era um dos juízes de Sodoma com autoridade e influência, e recebe a visita de anjos (ver, p. ex., Gn 19.1), ele os cumprimenta e oferece hospedagem (Gn 19.2). Quando anoiteceu os perversos sodomitas vindos de todas as partes da cidade, tentaram invadir a casa, pois estavam inflamados pela luxúria e intentaram contra os anjos hospedados na casa de Ló (Gn 19.4,5).

Essa atitude demonstra o quanto Sodoma estava corrompida e tomada pela mais baixa depravação humana. Já não havia dúvida quanto a natureza de Sodoma e quanto ao curso que se deveria tomar com ela, sendo assim os anjos agem imediatamente. Eles resgatam Ló, punem a imoralidade dos sodomitas, ferindo-os com cegueira. Ló, então, é aconselhado a avisar seus amigos e à sua família sobre a necessidade de sair da cidade diante da iminente destruição. (CHAMPLIN, 2001, p. 138,139)

Ao amanhecer, Ló, negligenciando o aviso dado pelos anjos de Deus, não agiu com a devida rapidez, deixando o tempo passar. Foi necessário que os anjos pegassem nas mãos de Ló e da esposa para que eles saíssem de Sodoma. Ló continua apegado às riquezas, titularidades, mordomias e comodidades. Não havia tempo para lamentações ou para saudades do passado. Não deviam perder tempo no caminho, não deviam parar até que chegassem ao lugar de refúgio que lhes havia sido indicado. (BRUCE, 2012, p. 134)

Naquele dia, Ló perdeu quase tudo, seus genros não acreditaram nos anjos de Deus (Gn 19.14), sua mulher olhou para trás e virou uma estátua de sal (Gn 19.26). A ordem dada pelos anjos fora muito clara: “não olhes para trás, nem pare em toda a campina.” (Gn 19.17), mas o apego e a curiosidade da mulher de Ló a fizeram olhar para trás e assim foi transformada em estátua de sal. (PFEIFFER, 2001, p. 59-61).

Ló e sua família possuíam muitos bens, tudo o que eles tinham estava em Sodoma, a cidade que seria destruída. Embora sua mulher estivesse muito próxima de um homem justo, e apesar de ser melhor do que seus vizinhos, não se sabe o quanto Ló teria sido diligente na conduta espiritual de sua família, contudo observa-se no texto que seus genros não estavam bem orientados em relação ao Senhor e seus desígnios, ficam em Sodoma e morrem, suas filhas, posteriormente, embriagam o pai e procuram ter filhos com ele. Sua esposa, apegada aos seus bens, não demonstra uma nutrição espiritual suficiente para firmar-se na orientação do Senhor.

Assim, observa-se que independentemente da sua libertação de Sodoma ser uma demonstração de misericórdia singular, mesmo assim, Deus não suportou a desobediência de sua esposa. O não olhar para trás indicava a obediência ao que os anjos ordenaram e o desapego a tudo que possuíam. No

momento que a violência do céu ocorreu, a mulher de Ló comprovou que não tinha levado a sério a orientação dos anjos do Senhor. Ela olhou para trás.

Naquele momento ela percebeu que tudo aquilo que lhe era cômodo, que a satisfazia, ainda que imperfeito, estava sendo destruído. Demonstrou interesse naquilo que estava ficando em Sodoma, seus pés haviam se afastado da cidade, mas seu coração pendia para lá. Não acreditou no que Deus tinha preparado para ela e sua família. Preferia permanecer em uma sociedade corrompida pelo pecado a enfrentar o desconhecido, mesmo sob a orientação de Deus. (PFEIFFER, 2001, p. 59-61).

Em outro contexto, Jesus usa o que aconteceu com a mulher de Ló (ver, p. ex. Lc 17.32) como ilustração ao discorrer sobre a vinda súbita do Reino de Deus (ver, p. ex., Lc 17.20-37). Além dessas passagens a mulher de Ló não mais é mencionada na Bíblia.

1.4 A MULHER DE JÓ, O DESAFIO DE LIDAR COM GRANDES PERDAS

A mulher de Jó uma anônima, como tantas outras mulheres na Bíblia, viveu na terra de Uz, que se localiza em uma região a leste de Canaã, nas proximidades leste e oeste do Crescente Fértil. É uma região de cidades, fazendas e rebanhos migrantes. (Jó 1.1) Seu marido era consideravelmente rico, não só porque possuía muitos servos (Jó 1.3), mas porque era um homem de precioso caráter, pois era “íntegro e reto”. Ele não era perfeito sem pecado, mas era temente a Deus. Ela tinha sete filhos e três filhas (Jó 1.2) que desfrutavam de uma excelente convivência uns com os outros. No Oriente uma família numerosa e com vários filhos era considerada abastada. (BRUCE, 2012, p. 504)

O relato do livro inicia, evidenciando a prosperidade e o relacionamento de Jó com Deus (Jó 1.1-3). Em seguida apresenta a conversa de Deus com Satanás, que acusa Jó de ser fiel a Deus por causa de Sua benevolência (Jó 1.10). Deus então permite que Satanás atormente a vida de Jó para provar a fidelidade do mesmo (Jó 1.11). Desencadeia-se aí uma tragédia. Satanás, após ter tirado filhos e bens de Jó, manda uma doença terrível que cobre todo o corpo com feridas, desde a cabeça até a planta dos pés (Jó 1.7). Tal doença o faz ficar “sentado em cinza” (Jó 2.8), sentindo-se triste pelos acontecimentos, ele usava um caco para coçar suas feridas (Jó 2.8).

A enfermidade incurável que assolou a Jó foi tão avassaladora que converteu um homem respeitado acima de qualquer outro, em um excluído da sociedade como se fosse refugo, restando-lhe a segregação, que provavelmente era o monturo da cidade (BRUCE, 2012, p. 505). Destarte:

A reação de Jó aos desastres que lhe sobrevêm é uma aceitação serena da vontade de Deus que é capaz de louvar Deus tanto por aquilo que ele deu quanto por aquilo que tirou (1.21), tanto pelo bem quanto pelo mal (2.10). O sofredor que consegue se identificar com a aceitação de Jó, nem ignorando a realidade do sofrimento ao se refugiar no passado nem tão preocupado com o presente que se esquece de bênçãos passadas, é feliz de fato. (BRUCE, 2012, p. 502).

A mulher de Jó é a personagem que tem a menor fala: “Ainda conserva a tua integridade? Amaldiçoa a Deus e morre.” (Jó 2.9). Sua presença é percebida por meio desse único versículo que a marcou como uma mulher, sofrida, desesperada e que falou o que possivelmente não deveria. Ela era a pessoa mais próxima de Jó e sofria com ele os infortúnios que acometiam sua casa, acha injusta a punição que sobreveio a seu marido. De certa forma, deve-se observar o contexto real de perdas inimagináveis na vida dessa mulher, além de perder todos os seus filhos e filhas, perdeu todos os seus bens e tinha seu marido à beira da morte, gemendo por estar tomado por feridas. Ainda que tenha falado dessa forma, ela é o único personagem que reconhece a inocência de Jó.

A perda da família, dos bens e da saúde de seu amado marido abala sua fé e massacrada por esses sentimentos profere a trágica frase. A morte seria, aos olhos humanos sem esperança, a mais aconselhável realidade para o seu marido, diante do seu difícil estado. É por causa disso que ela expressa sua revolta em um desabafo desesperado por estar descontrolada, por ver o homem que amava em agonia de morte. Mas Jó não se curva ao equivocado desespero de sua amada esposa, antes, pelo menos naquele momento, ele se entrega à soberana vontade de Deus, ainda que posteriormente, ele mesmo, perca também toda a sua razão. (Jó 3ss).

A Bíblia não mostra o Senhor punindo a mulher de Jó, antes, o Senhor fica em silêncio completo, possivelmente, porque ela não teria conscientemente blasfemado contra o Senhor, e sim, falado, o que não deveria em um contexto de perda de consciência. O fato, é que o Senhor, ao usar de misericórdia para com

Jó, abençoa, também a sua esposa que em meio a perdas inimagináveis aos seres humanos, pela graça de Deus tem outros filhos e bens.

1.5 A MULHER DE PROVÉRBIOS 31, DESAFIOS E OPORTUNIDADES DIANTE DE UM IDEAL

A essência do Livro de Provérbios é o ensino da moral e dos princípios éticos. A sabedoria apresentada no livro engloba praticamente todos as questões da vida. Os provérbios tratam tanto das particularidades da essência humana quanto do comportamento básico de uma pessoa íntegra e do relacionamento adequado entre o homem e Deus. (KIDNER, 1980, p. 22-25)

Provérbios trata da vida e de como vivê-la de forma sensata. O mundo foi feito pela sabedoria (cap. 8), e as pessoas que seguem a sabedoria vão descobrir que o mundo combina com elas e estimula seus esforços. A sabedoria é o arquiteto de Deus (8.30), de forma que o temor do Senhor é o primeiro passo para a sabedoria (9.10), o fundamento e a origem de todo o conhecimento (1.7), e a fonte da vida (14.27). A sabedoria, aliás, é que redige o manual, o manual de instruções da oficina de Deus (BRUCE, 2012, p. 632).

Apesar de o livro ter sido escrito na antiga Israel, suas mensagens podem ser aplicadas ainda hoje no mundo moderno. Provérbios, que é um curso de educação, conduta pessoal, sabedoria, negócio, prosperidade, amor, ambição, disciplina, dívidas, educação infantil, política, vingança, piedade, dentre outros, também apresenta o papel e a virtude da mulher no desenvolvimento da vida do povo de Deus. Em muitos capítulos o autor, Salomão filho de Davi (Pv 1.1), apresenta a mulher como mãe (ver, p. ex., Pv 1.8), estranha que leva ao sofrimento (ver, p. ex., Pv 5.3), agradável (ver, p. ex., Pv 11.16), sábia (ver, p. ex., Pv 14.1), esposa e mãe ideal (ver, p. ex., Pv 31). Essa mulher de Provérbios 31 não tem nome, mas é descrita como virtuosa (Pv 31.10), confiável (Pv 31.11), dedicada (Pv 31.13), empreendedora (Pv 31.16), esforçada, forte e trabalhadora (Pv 31.17), generosa (Pv 31.20), comerciante (Pv 31.18,24), respeitável (Pv 31.28), temente a Deus (Pv 31.30). (KIDNER, 1980, p. 177).

Essa mulher, além de cuidar da casa, também é responsável em comercializar itens produzidos por ela ou terceiros. A mulher virtuosa tem que ter

foco e saber gerenciar suas obrigações, aproveitando bem o seu tempo. Ela é disciplinada o que a faz colocar em prática todas as suas atividades, sejam domésticas ou profissionais. Conforme Sá (2015, p. 23) ela é tudo isso sem abandonar sua função bíblica de esposa e mãe. Vive um matrimônio com submissão sem perder sua personalidade, e continua:

Todos nós nascemos com talentos, habilidades e potencial para a realização de algo. Não existe sequer um ser humano que não tenha talentos inatos a serem desenvolvidos. Deus nos criou à sua imagem e semelhança; logo, todos nós temos talentos inatos. (SÁ, 2015, p. 27).

A mulher descrita em Provérbios trinta e um se esforça para desenvolver seus dons e talentos, entendendo que o seu trabalho não é um fardo, e, sim, algo prazeroso. Essa mulher é preciosa, forte, de grande capacidade e coloca o bem-estar da família acima do seu.

Percebe-se na descrição do texto bíblico que ela participa de todas as atividades e não somente delega funções, ela faz tudo com lealdade, seja costurando, seja cozinhando ou cuidando dos filhos ou ajudando o marido nos negócios, tornando-se exemplo para todos os envolvidos. Não é dada a preguiça, não desperdiça a manhã toda na cama, levanta cedo para executar suas tarefas, sabe de suas reponsabilidades como buscar água, moer os grãos, preparar as refeições, assar os pães, fiar e tecer roupas para família e para vender, dentre outras obrigações. Ela sabe gerenciar muito bem seu tempo, não desperdiça com coisas tolas. (GOWER, 1987, p. 40 - 46).

Seus filhos se levantam e a elogiam (Pv 31.28). Ela é a alegria de sua família, seu marido a admira e não se constrange em demonstrar isso, e seus filhos a elogiam. Não há conflito de gerações em sua casa. (KIDNER, 1980, p. 177).

A mulher de Provérbios trinta e um é louvada pela sua sabedoria em lidar com as finanças da sua casa. Com seu trabalho, ela produz tecidos, com os quais faz vestes e objetos bordados. Ela fabrica roupas para sua família, enfeites e acessórios para sua casa e ainda mercadoria para vender. Com o lucro faz outras coisas, fazendo-o render. Não é dada ao gasto desnecessário. (BROWBACK, 2015 p. 118,119).

A mulher virtuosa além de cuidar bem de sua família, lar e negócios, também cuida de si mesma. Veste-se de linho fino e púrpura (Pv 31.22b). Ela não seria capaz de sustentar os outros se descuidasse de suas necessidades físicas e espirituais. Ela certifica-se que sua aparência retrate sua distinta posição, influenciando sua comunidade. Ela não retarda em dividir a sabedoria que conquistou, encorajando os outros a alcançar patamares mais altos, desenvolvendo todo o potencial. O que veste reflete o que se é por dentro, as intenções, conceitos e valores. Não adianta a mulher estar bem-vestida, preocupada com seu exterior se não atentar com o coração sincero diante de Deus e das pessoas. (SÁ, 2015, p. 39,40). “Vale ressaltar ainda, que é importante ter em mente, que a mulher exemplar ou virtuosa não nasce pronta, mas torna-se mais viva e real a cada dia que busca a sabedoria para a vida em Deus e na Sua palavra.” (SÁ, 2015, p. 90).

Durante a história da humanidade as mulheres foram vistas, tratadas e entendidas de várias formas. Elas tiveram que enfrentar barreiras impostas pela sociedade que se tornara machista, fazendo com que a mulher fosse desprezada. Na atualidade, elas passam lutas e conflitos, são feridas, enfrentam traumas emocionais, físicos, mentais e morais que muitas vezes são irreversíveis.

As mulheres da atualidade quando leem sobre a mulher de Provérbios trinta e um, podem se sentir ameaçadas, mas devem observar que justamente nessa descrição, há um exemplo rico e inestimável que pode ser aplicado na vida das mulheres de hoje, ainda que a maioria não tenha todos os dons, habilidades e capacidades dela. (BROWNBACK, 2015, p. 151). Se for vista como um exemplo de perfeição a ser seguido, pode ser opressor, se for vista como um ideal a ser alcançado, ainda que, de forma não perfeita e completa, como a literatura de sabedoria procura demonstrar, há oportunidades de aprendizado para uma visão transformadora em relação ao potencial da mulher, tanto para ela, que pode se ver de uma forma diferente do que se via a partir de outras interpretações das Escrituras, como para os homens que, ao invés de cobrar perfeição, podem apoiar para o desenvolvimento de potencialidades inestimáveis apresentadas no texto.

Essas potencialidades reforçam a essência da mulher criada como imagem e semelhança de Deus, que recebeu do Senhor o mandato cultural com o homem, que envolve tanto as capacidades administrativas, de empreendedorismo, pesquisa, ciência e criação. Da mesma forma, esse potencial

em desenvolvimento não destrói, em si, as funções na relação marido e esposa, e não precisa tirar a esposa de suas responsabilidades do lar, como o texto indica com propriedade.

2. DESAFIOS, CONFLITOS E CRISES E MUDANÇAS ATUAIS DAS FUNÇÕES E IDENTIDADE DA ESPOSA DE PASTOR: ANÁLISE TEOLÓGICA, BIBLIOGRÁFICA

Cara Croft é coautora com seu esposo, Pr. Brian, do livro “The Pastor’s Family: Shepherding Your Family Through the Challenges of Pastoral Ministry (A Família do Pastor: Pastoreando sua Família Através dos Desafios do Ministério Pastoral)”. Cara escreveu: “Ministério é um modo de vida que nos obriga constantemente a nos dedicarmos aos outros, sacrificando o nosso tempo, recursos e emoções”. É uma vida que requer abnegação ao serviço aos outros. E se não tivermos cuidado, ela pode nos deixar vazias, desanimadas e machucadas. Eles expressaram em poucas linhas a verdadeira realidade da família pastoral. Por isso, esse livro é considerado por muitos como um manual para auxiliar os pastores a zelar por sua família da mesma forma que cuida da igreja.

Ser esposa de pastor não é a função mais fácil que existe, mas é, com certeza, uma das mais gratificantes. Lutas, ingratidão, perseguições, difamações, solidão, dentre outros, são exemplos do que o pastor e sua esposa podem sofrer, entretanto, eles são responsáveis pela vida espiritual de uma parte do rebanho do Senhor no reino de Deus, tendo sua identidade firmada em Cristo e seu grande amor.

Ser esposa de pastor terreno é uma consequência de ser esposa do Pastor Divino. Por essa razão, veja-se como uma serva disposta a honrar a Cristo, a cuidar daquilo que ele confiou a você. Sua principal motivação deve ser agradar Àquele que deu a vida por amar você. (LIMA, 2014, p. 24,25).

A partir daqui a pesquisa se concentrará em compreender como os escritores teológicos têm tratado da mulher cristã como esposa de líderes espirituais, com implicações relacionadas à mulher de pastor, sua vida, seus

desafios, sua identidade, sua essência, sua função, sua saúde. Para enfrentar este desafio alguns temas relacionados ao primeiro capítulo e à realidade apresentada por autores reconhecidos serão o ponto de partida da pesquisa.

2.1 AUXILIADORA IDÔNEA: AUTONEGAÇÃO OU MISSÃO ATIVA DE APOIO PARTICIPATIVO

Sobre as funções instituídas por Deus no casamento, o Prof. Augustus Nicodemus Lopes afirma que a família foi estabelecida por Deus e houve diferentes funções dignas e necessárias dadas pelo Senhor a cada um, para a saúde, nutrição e crescimento de seus membros. A ideia bíblica é a de complementariedade e não de maior e menor, superior e inferior. É importante observar que essas funções são dadas antes da queda, são nobres e não indicam opressão, controle ou questões de tendências machistas.

Ao estabelecer a família, Deus prescreveu diferentes funções para o homem e a mulher. Apesar de havê-los criado iguais, Deus distribuiu-lhes deveres e privilégios distintos. Conhecer e assumir os papéis, deveres, privilégios e funções do marido e da mulher, segundo Deus os nomeou, é um princípio de fundamental importância para o sucesso do casamento. [...]. Cremos firmemente que a maior parte da infelicidade, dos conflitos e das separações que ocorrem nas famílias é decorrente da confusão que existe sobre o papel do homem e da mulher na família. (LOPES, 2001, P. 30).

Diante de uma má interpretação dessa verdade expressa pelo Prof. Lopes, na interpretação do texto bíblico, observa-se que houve vários equívocos históricos sobre as funções, provocando uma verdadeira guerra na discussão de gêneros. Não foi apenas uma sociedade machista que historicamente colocou a mulher em situação de muita humilhação, desconforto, e mesmo de opressão. A igreja, também, tem falhado de forma terrível, a partir de uma interpretação equivocada da função de liderança espiritual dos maridos, e da função de auxiliadora idônea da esposa. É uma necessidade urgente, continuar discutindo como, de fato, as Escrituras indicam orientam as funções de maridos e esposas.

Para Filho (1997, p. 50), é importante observar, que biblicamente, a mulher idônea não serve somente para ser uma esposa, mãe e dona de casa exemplar, mas ela tem capacidade de ser uma profissional de destaque, uma incentivadora e formadora de ideias, atuando no mesmo nível que o homem, sem

deixar de ser feminina e submissa. O que traz conflitos emocionais, separando homem e mulher não é a função de cada um, mas o pecado, que influencia ações, pensamentos, atitudes e palavras. Isso também causa a separação entre Deus e os seres humanos (FILHO, 1997, p. 50).

Segundo Dusilek (1995), as tendências de se ver a mulher como alguém completamente responsável por tudo que acontece em casa, não podendo sequer cuidar de si mesma, e sem apoio do marido, é uma interpretação profundamente equivocada.

A ideia de que o papel principal da mulher é o lar é distorcida, porque joga sobre ela toda a responsabilidade da casa e da educação dos filhos. É bom entender que os filhos precisam de pai e mãe, e não só da mãe para seu desenvolvimento completo e saudável. Uma mulher vocacionada deverá ser sábia o suficiente para manter o equilíbrio entre ministério e família, de forma a não prejudicar nenhum dos dois, da mesma forma como o marido-pastor. (DUSILEK, 1995, p. 27).

Quando se compreende a descrição da mulher sábia destacada em Provérbios trinta e um, logo se dará apoio ao que Dusilek está propondo como reflexão atual para a igreja. No caso da orientação de Paulo, sobre o dever das mulheres para com seus lares, maridos e filhos deve-se ter bastante atenção à interpretação do texto numa compreensão mais ampla do pensamento de Paulo a respeito do assunto. Ainda que Paulo escrevendo a Timóteo afirme que as mulheres mais velhas devem ensinar às mais jovens a serem boas donas de casa e a amarem seus maridos, isso não significa impor sobre elas, como observa Dusilek, uma responsabilidade tão pesada, como historicamente foi-lhes imposta de que tudo que acontece no lar é de sua responsabilidade. Veja o texto bíblico:

Semelhantemente, ensine as mulheres mais velhas a serem reverentes na sua maneira de viver, a não serem caluniadoras nem escravizadas a muito vinho, mas a serem capazes de ensinar o que é bom. Assim, poderão orientar as mulheres mais jovens a amarem seus maridos e seus filhos, a serem prudentes e puras, a estarem ocupadas em casa, e a serem bondosas e sujeitas a seus próprios maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja difamada. (Tito 2:3-5).

O texto realmente traz para as esposas orientações muito ricas sobre o amor ao marido e aos filhos, sobre a prudência e o cuidado do lar, bem como a submissão aos seus maridos. Isso deve ser inquestionável, para qualquer esposa

e, de forma especial, para a esposa de pastor. Contudo, é preciso verificar como em outros textos, Paulo, de forma especial, trata das funções do marido no contexto da restauração em Cristo Jesus. Paulo evidencia uma nova realidade para o marido, na qual ele deve amar suas esposas como Cristo amou a igreja em uma relação de liderança espiritual amorosa e sacrificial (Ef 5.25).

Essa liderança amorosa do marido, deve ser exercida, também, em relação aos filhos. Lopes, (2001, p. 139) contribui, de forma especial com o texto de Paulo: “E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor.” (Ef 6.4). Neste texto, Paulo indica a presença indispensável dos pais no contexto do lar, juntamente à sua esposa, cuidando de seus filhos. Isso fica mais claro, quando se busca a compreensão do texto no seu original grego.

A expressão grega para pais, *pateres* indica a figura masculina, na relação conjugal, pois, é o plural de palavra *pater* (πατήρ) – usada para pais (homens) e não pais no sentido genérico. Lopes (2001, p. 139), nessa interpretação exegética contribui de forma relevante ao afirmar: “A palavra “pais”, que aparece no texto, refere-se aos homens, apenas. A palavra que Paulo usa é pai, no plural. As mães não estão incluídas. Quando a referência é ao pai e à mãe, juntos, usa-se a palavra grega *goneis* [...]”.

A ideia de um pai que trabalha fora, e a esposa tem sobre si toda a responsabilidade do que acontece no lar, fazendo com que a ausência masculina na educação dos filhos, tenha se tornado quase uma regra no mundo ocidental, tem se agravado nas últimas décadas, trazendo várias consequências para o desenvolvimento emocional e espiritual dos filhos, ainda que isso não seja tão percebido e trabalhado pela igreja e pela sociedade. Da mesma forma, essa tendência machista de interpretar a vida, traz consequências negativas para as esposas, incluindo as esposas de pastores, que são consideradas insensatas quando não dão conta de tudo sozinhas.

Para Furman (1980, p. 76), ser auxiliadora tem sido o papel da mulher desde a criação, mas muitas quando estão em meio ao turbilhão de problemas, tentando apoiar seu esposo, começam a questionar: quem vai me ajudar? Esse questionamento não significa que ela não aceita ou não concorda com a submissão, mas em alguns momentos ela se sente desamparada. Mas o alívio emocional da esposa do pastor é referente a uma ajuda física, ou no descanso

das obrigações da casa e da igreja, mas ao entendimento que seu papel é um mandato do Senhor que requer ser obedecido e vivido de coração verdadeiro.

Contudo, é importante observar que Furman, traz uma posição piedosa, mas que pode manter a velha e antiga sobrecarga sobre a esposa do pastor, que além de ser uma mulher de Deus, de fato, deveria ser um exemplo para as outras mulheres, mas, como ficou demonstrado por Lopes (2001, p. 139), de forma exegética, exaustiva e inequívoca, diferente do que afirma Furman, é inquestionável que, em parte, seu alívio emocional, espiritual venha de uma ajuda física pela presença real do marido em casa. O marido deve ser uma presença física que ajuda na criação dos filhos e nas tarefas de casa, como marido amoroso que a si mesmo se sacrifica pelo bem-estar da esposa. (Ef. 5.25). Isso não significa, negar o que Furman contribui, como advertência importante, no sentido de que, em parte, o alívio emocional da mulher está em uma vida de obediente sacrifício ao Senhor.

Da mesma forma Dusilek (1995, p. 77-82), destaca a responsabilidade da mulher de pastor. Tudo que a esposa de pastor faz é visto, comentado e, por vezes, copiado pelos membros da igreja que congrega. Por esse motivo, ela tem que ter em mente quão grande é sua responsabilidade diante de todos. Seu relacionamento com seu esposo tem que ser sempre segundo os padrões bíblicos, proporcionando aos da família equilíbrio espiritual, emocional, moral, social, fazendo com que o lar seja um lugar onde todos desejam estar.

Muitos buscam o refúgio da casa do pastor para de uma maneira discreta descobrir como é o dia a dia do casal. E é tarefa da esposa mostrar pelo seu testemunho, o verdadeiro e bíblico papel da esposa cristã, papel esse que é muito rejeitado e criticado por grande parte das mulheres das igrejas. (DUSILEK, 1995, p. 77 - 82). Isso tudo indica aspectos da mulher sábia que edifica sua casa (Pv. 14.1).

No entanto, mais uma vez, é importante pontuar que tudo isso em um contexto amplo, no qual os maridos são colocados como os líderes espirituais de seus lares, que são ativos e presentes nessa liderança amorosa e edificação do lar. Dusilek ressaltou anteriormente que essa mulher sábia faz tudo isso com a presença e o apoio do marido. Sem essa consciência, as jovens esposas de pastores, ou mesmo moças que se sentem inclinadas a namorar um seminarista ou pastor que ainda esteja solteiro, podem ficar assustadas com a indicação de

uma responsabilidade tão grande sem destacar que o papel principal da liderança espiritual do lar do pastor é ele mesmo, e que a esposa é uma auxiliadora idônea do processo.

O livro “The Service and Status of Women in the Church (O Trabalho e o Status da Mulher na Igreja)” de Katherine Bliss, 1954, é tido como um símbolo do surgimento do movimento feminista no meio do cristianismo. A obra apresenta uma pesquisa sobre o ministério e trabalho das mulheres cristãs nas igrejas. A autora constatou que mesmo com o grande envolvimento das mulheres nas atividades da igreja, elas estavam limitadas a posições de auxiliar. As referidas mulheres não ocupavam papéis de liderança tradicionalmente ocupados por homens, tais como pregação, administração e evangelismo, apesar de algumas dessas mulheres serem melhores preparadas para os devidos cargos.

Bliss (1954) chamou a atenção da Igreja para a importância da reavaliação dos papéis, principalmente em relação à ordenação feminina. Esse feminismo contribuiu para as mulheres alcançarem patamares que geralmente pertenciam aos homens, mas em alguns casos fez com que essa mulher perdesse parte da essência com que fora criada. (BLISS, 1954). Pois, no que diz respeito à submissão feminina, descrita em Gênesis, ela é muito mal interpretada, levando as mulheres lutarem contra a soberania de Deus para elas.

Para Bliss (1954), as informações totalmente equivocadas do feminismo, têm inundado as mentes das mulheres, distorcendo os mandamentos bíblicos de relacionamento conjugal e da formação do núcleo familiar. Diante disso, as mulheres cristãs que estavam descontentes com o restrito trabalho de esposas e donas de casa, considerando erroneamente que esse trabalho seria de menor importância e imposto pelos homens como forma de dominação, optaram por uma nova teologia baseada em uma interpretação bíblica singular, considerada menos machista.

Contudo, a partir de então, tudo isso, está influenciando uma parte das mulheres a agirem de forma contrária aos padrões de Deus e das Escrituras. (BLISS, 1954). Com isso, homens e mulheres abandonam seus lares, seus filhos, e um ao outro, e estão tendentes e impulsionados pela cultura a apenas acusar o outro dos problemas da família.

2.2 CONFLITOS CONJUGAIS: SABEDORIA PARA LIDAR OU NEGAR E SUFOCAR

Dusilek (1995, p. 43,44) observa que viver em família é uma “arte”, principalmente para a família de pastor, porque convivência diária obriga os membros da família a aprender a acolher a todos com respeito, diálogo, compreensão, tolerância e paciência. Essa familiaridade não é adquirida instantaneamente ao “Sim” da cerimônia matrimonial, mas é um exercício diário de cuidado e atenção para com o cônjuge. A esposa de pastor deve se esforçar e ajudar seu esposo a manter o casamento, pois todos os olhares estão sobre a família líder da igreja.

Para Dusilek, a esposa de pastor tem que agir com muita sabedoria em todos os assuntos e áreas de seu relacionamento. Se caso ela não for sábia, criará uma situação delicada, contribuindo com o surgimento de conflitos conjugais que podem comprometer o desempenho do pastor em suas funções ministeriais. Uma dessas situações que requer sabedoria é os ciúmes que muitas esposas têm em relação às mulheres da igreja. Esse sentimento pode destruir o ministério pastoral de seu esposo. Então cabe a esposa aprender a lidar e controlar esse sentimento. (DUSILEK, 1995, p. 44, 45).

A função pastoral exige uma constante ligação com pessoas e conhecimento de seus problemas. Como é a mulher, em geral, que procura ajuda quando surgem dificuldades com o marido e os filhos, é inevitável o contato do pastor com elas. Se ele tem uma esposa ciumenta, seu trabalho fica prejudicado. Não devemos, porém, ignorar o fato de existirem maridos nos quais as esposas realmente não podem confiar. Eles são pessoas facilmente assediadas pelo sexo oposto. Um pastor frágil nessa área, “aconselhando” uma mulher carente, constitui um bom prato para Satanás. (DUSILEK, 1995, p. 45).

Contudo, os conflitos conjugais são tão antigos quanto a própria raça humana. Eles começaram a partir do Éden, com a queda, atingindo Adão e Eva, Caim e Abel e perpetua-se até os nossos dias. Na narrativa bíblica, grandes mulheres de Deus enfrentaram sérios conflitos conjugais, como é o caso de Eva e Adão, Sarai e Abraão, Rebeca e Isaque, Zípora e Moisés, dentre outras. Esses

conflitos surgem por causa da necessidade egoísta, pois os envolvidos buscam saciar suas próprias carências sem antes se preocuparem com as do cônjuge.

Não existe uma regra para resolver esses conflitos, casais centrados e alicerçados em Cristo podem perder o equilíbrio por causa de problemas que para muitos seria comum. A perda de emprego, frustrações, falta de dinheiro podem gerar desgaste emocional e até distanciamento entre os familiares. O casal que anda em sintonia não significa que está isento ou blindado em relação aos desentendimentos, mas expressa uma constante busca do diálogo e do equilíbrio emocional e espiritual de todos os membros da família. O único remédio para solucionar conflitos é o amor de Deus que foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo (ver, p. ex., Rm 5.5). (ALBUQUERQUE, 1998, p. 21-23)

Os conflitos podem surgir, ainda, devido à diferente compreensão de um mesmo evento. As diferenças de percepção podem gerar muitos desentendimentos porque os parceiros não admitem que o mesmo fato possa ser vivenciado de modo distinto. Cada um crê que sua perspectiva é a correta. Muitos conflitos graves poderiam ser evitados se aprendessem a respeitar essa diferença de percepção, e a compreender que o amor não consiste em abrir mão da própria perspectiva, mas em enriquecê-la com a perspectiva do outro. (LUDOVICO, 2010, p. 108).

Como foi destacado na parte exegética, Champlin (2001, p. 32,33), traz a discussão de gênero mais uma vez, e destaca que a controvérsia e desequilíbrio conjugal deu-se início quando o homem cooperou com passividade enquanto sua esposa ouvia a voz do inimigo de Deus, questionando sua autoridade, bondade e limites Dele. A mulher, sabendo dos limites estabelecidos por Deus, agiu pecaminosa e conscientemente e, desobedecendo a esses limites, cedeu às suas próprias escolhas, tomando para si aquilo que não lhe tinha sido dado. Ao homem que não interveio em desobediência a Deus, não protegeu sua esposa do erro e comeu o fruto proibido que sua esposa lhe ofereceu. Agindo assim, submeteram eles e toda a humanidade, a um mundo cheio de individualismo, soberba e indiferença, resultando em contendas, declínio e morte.

À esposa de pastor, como mulher cristã, cabe firmar-se no evangelho, no qual está revelada a graça de Deus. O evangelho vem com o intuito de identificar, tratar as questões conflituais de homens e mulheres oferecendo o perdão dos

pecados, restaurando os relacionamentos primeiro com Deus e depois uns com os outros. (CHAMPLIN, 2001, p. 32,33).

Na análise de Dusilek, deve-se observar com cuidado, sua contribuição em termos de orientação ao que a esposa de pastor pode contribuir na construção da harmonia do seu lar, sendo modelo para o rebanho de Cristo sobre o qual seu esposo está liderando. Contudo, deve-se evitar sobrecarregar as mulheres de pastores, com a ideia do casamento e da família perfeitos. É importante continuar discutindo nesta pesquisa o quanto, mais uma vez, não se está colocando um fardo muito pesado para as esposas de pastores, mesmo com uma boa hermenêutica da graça e do perdão, contudo, possivelmente encoberta de uma capa de espiritualidade ideal, que pode ser opressora em suas exigências. A grande questão, bíblicamente falando, não é a negação de que conflitos atinjam inclusive a família do pastor, e sim, como a família do pastor e dos crentes, lidam com os conflitos inevitáveis da vida. (Ef. 4.26-5.2).

2.3 SENTIMENTOS DE CONCORRÊNCIA: EXAGERO OU REALIDADE QUE EXIGE ATENÇÃO

Dusilek (1995, p. 29) observa que as esposas de pastor, têm que lidar com uma possível concorrente que pode ser a própria igreja. Se a esposa não estiver tão envolvida com o ministério quanto o pastor, ela pode se sentir isolada, esquecida, sozinha, solitária, pressionada pelo papel que desempenha como esposa, mãe e educadora dos filhos e isso quando não bem conduzido se transforma em fardo e não um chamado. A igreja poderia ser vista como a “outra”, aquela que toma o lugar da esposa e dos filhos na vida do seu marido. Isso porque o pastor precisa dar atenção aos membros da igreja e muitas vezes isso exige que ele se ausente de almoços em família, apresentações dos filhos nas escolas, feriados, férias, dentre outros. Toda essa ausência pode levar o casamento do pastor a passar por crise, por isso a necessidade de existir um acompanhamento espiritual e profissional para a família pastoral.

Para Dusilek, sendo ela mesma esposa de pastor e já com uma considerável experiência ministerial quando escreveu este livro, é importante observar que se torna muito difícil quando a esposa tem que competir com a “igreja” pela atenção e cuidado do marido.

Como foi observado, no caso de Sara, a realidade de outra mulher na vida de seu marido causou-lhe muitos ciúmes e mágoas, fazendo de Sara uma mulher perseguidora, vingativa e insensível. Por sua própria atitude de precipitação, ela estava colhendo frutos amargos em sua vida familiar. No caso da esposa de pastor, quando a igreja verdadeiramente toma o lugar da família e o pastor descuida de sua casa, Dusilek observa que isso pode causar nela e nos filhos muito cansaço, tristeza e mesmo depressão. Há esposas que até pensam que "a igreja" é uma amante do marido. (DUSILEK, 1995, p. 45).

Quando, no entanto, o casal tem um relacionamento maduro e seguro essa vulnerabilidade não toma grandes proporções. Para Dusilek, O casal que possui fundamentos básicos como amor, respeito, clara noção de direitos e deveres matrimoniais, não se sente ameaçado com as responsabilidades que cada um tem no seu dia a dia. Isso pode ser equilibrado pelo diálogo claro em família do papel e das funções do pastor, que necessita do apoio da família para desenvolver o ministério, pela presença do pastor na família, de forma a não colocar, de fato a igreja em primeiro lugar em sua vida, nutrindo com amor sua família, e pelo envolvimento da família, de forma ativa no ministério, vendo-se a si mesma, como parte viva da igreja. (DUSILEK, 1995, p. 43-46)

Laudelina Lima em seu livro *Segredos de Vida de uma Esposa de Pastor*, apresenta três perguntas a serem respondidas pela esposa do pastor quando percebe que o pastor está distante e ausente no convívio familiar. Essas são as perguntas: O que o seu marido mais gosta em casa? O ambiente em casa é agradável ou os problemas estão lá fora e em casa também? Seu marido sente que o ambiente de casa é para ele descansar, desfrutar da vida comum do lar? As respostas a essas perguntas vão ajudar a esposa de pastor a avaliar como está o convívio familiar e, dessa forma, ela poderá sabiamente administrar as responsabilidades dela e de seu esposo tanto em casa quanto na igreja.

A esposa de pastor muitas vezes tem que se preocupar com apresentação de uma falsa conduta, quando estando ela triste e debilitada tem que se apresentar sorridente, não porque deseja viver uma mentira, mas porque se sente insegura ao compartilhar com determinados membros da sua comunidade eclesial, seus mais profundos sentimentos. Muitas vezes também a esposa de pastor se vê excluída ou até mesmo ignorada pelo seu esposo, que age dessa forma conscientemente ou não. Essa atitude traz graves consequências

emocionais que podem se manifestar em forma de doenças físicas ou emocionais. (DUSILEK, 1996, p. 22,23).

Lima (2014 p. 138-141), observa que em determinadas situações a própria esposa de pastor pode gerar falsas expectativas em relação a igreja liderada pelo casal. Muitas delas esperam que todos a aceite e entenda seu modo de agir, e esquecem que cada pessoa enxerga a necessidade do outro de maneiras diferentes. Quando essas expectativas fracassam geram sentimentos de derrota e frustração. A esposa do pastor, por exemplo, precisa saber que, muitos membros esperam que a esposa de pastor participe de todas as atividades da igreja, esquecendo que ela tem obrigações em outras áreas que não a igreja. Alguns acham que ela é assistente, secretária e até mesmo funcionária do pastor, ignorando qual o verdadeiro papel da esposa de pastor.

Contudo, ela deve ser madura, para não se frustrar diante dessas expectativas, não tentar agradar tentando ser quase “onipresente”, e fazer o melhor para a glória de Deus e apoio de seu marido.

2.4 CRISE DE IDENTIDADE: FATO SUPERADO OU REALIDADE QUE SE RENOVA E EXIGE ATENÇÃO

Gower (2012, p. 55,56), em sua pesquisa, observa que, na sociedade das histórias do Antigo Testamento, a mulher possuía um papel de valor secundário na possibilidade de participar das decisões. A mulher era reconhecida quase que exclusivamente pelas suas características de fertilidade e maternidade, essa capacidade de reprodução vinha de uma visão cultural. A mulher bíblica é essencialmente esposa e mãe. Exerce seu papel na vida familiar, econômica e religiosa sem deixar a dependência do seu pai ou marido. Não se pode esquecer que o Cristianismo se iniciou em um ambiente cultural greco-romano e que foram incorporadas ao culto cristão às práticas da sinagoga, no qual crianças e até mesmo escravos podiam ler publicamente as Escrituras, entretanto esse direito era proibido para as mulheres mesmo que fossem a esposa do rabino principal. (GOWER, 2012, p. 55,56).

Andrade (2015, p. 13), nesse mesmo raciocínio, verifica que durante anos as esposas de pastores foram negligenciadas, sendo heroínas anônimas que sempre estiveram ao lado de seus esposos nas noites de vigília, nas madrugadas

aos pés do Senhor com os olhos vermelhos de tanto chorar. Sempre sendo chamadas de: “A Esposa de Pastor”. Mulheres sem uma identidade, contudo prontamente se dispondo a acompanhar seus esposos a responder o chamado vocacional de Deus.

Em tempos de constante busca pelos holofotes, as esposas de pastores permaneceram nos bastidores, sem almejar um papel de destaque, ao compreenderem que seu esposo necessita de ajuda, acompanhamento, cobertura espiritual, apoio e amor (ANDRADE, 2015, p. 13). Para algumas mulheres este sacrifício não tem sido muito difícil, talvez por uma visão cristã de autonegação, ou por receberem o devido cuidado e carinho de seus maridos, que nutrem suas vidas com amor sincero e dedicado.

Algumas iniciaram essa carreira sem ter muita certeza do que estava por vir, pois estavam se casando com seus amados que posteriormente se tornaram seminaristas, outras já se casaram na certeza de concretizar seu chamado para a obra do Senhor. Não importa como foi o início, todas cumpriram e têm cumprido com o seu papel sem olhar para trás com sentimento de perda daquilo que se deixou no passado, mesmo que isso signifique a perda de seu nome. Elas são mulheres como todas as outras, que enfrentam desafios como todos os relacionamentos. Desafios que muitas vezes tiram o sono, mas a diferença está no se colocar a mercê do Senhor, buscando ouvir Sua voz e atendê-la. Ela, vez por outra, desrespeita seu marido, grita com os filhos, deixa a casa sem arrumar e até perde a fé. Mulher como qualquer outra, mas com a diferença de seu marido ser o pastor da igreja. (DUSILEK, 1995, p. 13-15).

Santos (2019, s.p.), destaca que essas mulheres muitas vezes sentem-se solitárias mesmo estando no meio de uma multidão, sentem-se cobradas, mas nunca acolhidas. O pastor é sempre procurado para auxiliar nos problemas do seu rebanho e de outras pessoas, mas é raro quando o contrário acontece. Os membros dificilmente preocupam-se com o bem-estar emocional de seu pastor e família e isso causa solidão. E as esposas de pastores mesmo destruídas por dentro sempre têm que se apresentar com um sorriso no rosto. Toda essa situação e mais o fato de muitas vezes ser rotulada de “esposa de pastor” altera o emocional dessa companheira e a faz sentir a ovelha mais solitária da congregação. (SANTOS, 2019, s.p.).

Furman, diante da realidade que desafia às esposas de pastores, orienta, dizendo que, mesmo se sentindo uma mulher sem nome, a esposa de pastor não deve em momento algum esquecer que são mulheres amadas por Deus e que a identidade delas está em Cristo. Não importa como os membros da igreja enxergam, chamam ou se dirigem à esposa de pastor, o mais importante é entender qual é o chamado de Deus para ela e para sua família. A esposa de pastor não deve em momento algum se amedrontar diante das responsabilidades do ministério que foi colocado nas mãos, pois o Senhor é o sustentáculo dos que se dispõem à obra. (FURMAN, 2016, p. 29,30).

2.5 PERDAS E MUDANÇAS: SOFRER A DOR OU NEGAR A DOR

As esposas de pastores têm vivido situações parecidas com o que a mulheres de Ló e Jó viveram. São momentos em que se encontram em uma montanha russa emocional, causadas por perdas que são inerentes ao envolvimento das mesmas com o ministério do esposo. As perdas podem ser financeiras, que são próprias da vida ministerial, emocionais, por causa de transferências de igrejas, perdas familiares, dentre outras. Mas todas elas devem ser tratadas de uma forma especial, não porque é esposa de pastor, mas porque é amada do Senhor. Se ela não mantiver suas emoções sob controle pode facilmente ficar desencorajada, deprimida, abatida e muito doente.

É importante que ela perceba o quanto é necessário entender, controlar e tratar essas emoções. Emoções que podem estar ligadas a um influenciador externo ou a personalidade da mesma. Agindo assim ela estará ajudando seu esposo, a igreja, a família e principalmente a ela mesma. (LIMA, 2014, p. 36,37). Para Dusilek (1995, p. 22, 23), em situações difíceis, as esposas de pastores proferem palavras de desencorajamento, muitas vezes levadas pelo desespero e enfraquecimento da fé.

Por causa dessas palavras são mal interpretadas, julgadas e condenadas pelos membros de sua congregação. Impiedosamente são tidas como traidoras. Mas em nenhum momento as ovelhas do bom pastor, que é seu esposo, pensaram em procurar saber a causa de tais palavras. E tomados pela frieza emocional e até espiritual simplesmente a julgaram. As esposas de pastores são

consideradas biônicas e devem estar sempre sorridentes e se apresentarem de forma exemplar em todas as áreas, sem levar em conta seus sentimentos. Essa mulher “biônica” não existe, todas são únicas e não são obrigadas a saber e a conhecer tudo. (DUSILEK, 1995, p. 22, 23).

2.6 A MULHER DE PROVÉRBIOS 31: NEGAR O EXEMPLO OU COMPREENDER A LIÇÃO

Para Dusilek (1995, p. 22), A mulher de Provérbios trinta e um é usada como parâmetro em relação às mulheres atuais, fazendo-as se sentirem em desvantagem. Cada mulher é única e tem seu próprio chamado ministerial. Ela pode diferir de seu esposo em questões políticas, esportivas, administrativas, sociais, dentre outras, sem ser vista como uma traidora. Ela não é um apêndice do esposo e nem sombra do mesmo, tem seus próprios pensamentos e ideias. (DUSILEK, 1995, p. 22)

A esposa de pastor precisa esforçar-se para identificar qual o seu dom, pois Deus dá dons a todos que os buscam e esses dons devem ser desenvolvidos e aplicados na obra do Senhor (Tg 1:17). Exercer esse dom no ministério é uma forma de gratidão ao Senhor, pelo perdão dos pecados, pela libertação do cativeiro eterno e por ter nascido de novo. Ela, por ser esposa de pastor, não precisa desempenhar todos os papéis na igreja, ela e os membros têm que entender que cada um tem afinidade com uma área e deve desempenhá-lo da melhor maneira possível. Essa mulher recebeu o chamado para auxiliar seu esposo, auxiliar a igreja, cuidar da família, dentre outros, mas sem perder sua identidade, sem esquecer quem ela é. (LIMA, 2014, p. 22).

Algumas esposas de pastores são rotuladas como mulheres que precisam estar prontas com sorriso nos lábios e disponíveis sempre que solicitadas. Dusilek, em seu livro “Mulher sem Nome”, cita exemplos de atributos que são exigidos dessa super esposa de pastor, “entender de música, tocar instrumentos, cantar, reger, trabalhar com crianças, ser líder das mulheres na igreja, uma excelente visitadora que acompanha sempre o marido, excelente evangelista, conselheira exemplar, relacionar-se muito bem com jovens e adolescentes”, além de mãe ideal, excepcional dona de casa e dedicada esposa. Isso tudo sem descer do salto e borrar a maquiagem. (DUSILEK, 1995, p. 23).

Essa esposa de pastor que é incessantemente cobrada, não é diferente das outras mulheres que tem medo de fracassar, decepcionando seu esposo, filhos e principalmente os membros da igreja. Pois é nesse cargo, esposa de pastor, que ela tem mais olhos, fitando-a e julgando-a em tudo que se propõe a fazer. (DUSILEK, 1995, p. 21).

Doriani (2009) compreende que, apesar da Bíblia apresentar a maioria das posições de liderança ser ocupada por homens, muitas mulheres exerceram papéis de grande importância. Débora foi juíza de Israel (ver, p. ex., Jz 4.4), Abigail instruiu Davi (ver, p. ex., I Sm 25.23-31), Priscila ensinou a Apolo. (ver, p. ex., At 18. 24-26). As mulheres sempre estiveram envolvidas nas atividades das igrejas, mas nunca em posições de liderança, todavia a partir da segunda metade do século 20, com o surgimento do feminismo, algumas mulheres protestantes conseguiram o direito de ensinar em particular. (DORIANI, 2009, p. 119,120)

Mulheres aconselharam, ensinaram e julgaram, mas quase sempre em particular. Suas mensagens tinham conteúdo teológico, mas elas não pregaram nem ensinaram partindo de posições de autoridade formal. As mulheres ensinavam em ambientes privativos e lideraram ao lado de homens (DORIANI, 2009, p.120).

Existem igrejas que mulheres não podem tomar a frente de Cultos Solenes, mas podem ocupar cargos administrativos, ministérios de visitação, de jovens, crianças, música, entre outros. Em outras igrejas adolescentes e crianças fazem a leitura das Escrituras Sagradas nos cultos de domingo, mas não permitem que mulheres façam a mesma coisa. Ainda existem tarefas como indicar lugar para sentar, recolher ofertas ou saudar os membros e visitantes na porta que são exclusivas dos homens. (DORIANI, 2009, p. 121-123).

A despeito disso, existem igrejas que têm consagrado mulheres a cargos antes ocupados somente por homens como diaconisas, presbíteras e até pastoras. As últimas podem receber o título e ocupar a posição por meio de vocação ou ordenação ou sendo ela esposa de pastor ou pastora da congregação. (DUSILEK, 1995, p. 25).

As esposas de pastores antes consideradas “mulheres sem nome”, na atualidade, pelo menos em algumas denominações evangélicas, estão bem mais presentes, são reconhecidas e, inclusive em algumas denominações recebem a

titulação de “pastoras” e são honradas e valorizadas como tal. Essas esposas de pastores antes subutilizadas em suas igrejas, atualmente, têm seu espaço e apoio dos cônjuges e dos membros. Antes reprimidas, nos dias de hoje, algumas delas, inclusive são profissionais bem-sucedidas e reconhecidas, sem abandonar suas responsabilidades de mãe dedicada, esposas amorosas e pastoras sempre presente, que se esforçam para desempenhar todos esses “papéis” com excelência e fidelidade ao Senhor que as “chamou” para trabalhar na seara de Deus.

Há, portanto um número expressivo de esposas de pastores que se realizam enquanto mulheres, são cidadãs valorizadas, hábeis e competentes em seus afazeres, e exemplos de mães e líderes de seus lares com seus cônjuges. Elas estão presentes em várias ações concretas a favor dos seres humanos em geral, das mulheres e das crianças em situações de risco.

Contudo a pesquisa encontrou pensamentos opostos ao que vem acontecendo. Citamos como exemplo disso, Furman (1980, p. 48,52,53). Ele considera que, lamentavelmente esses títulos de diaconisas, presbíteras e pastoras, dados às mulheres na atualidade têm sido usados de forma deturpada, essas esposas de pastores têm se colocado acima das outras mulheres da congregação, algumas têm deixado crescer dentro de seus corações os ídolos do poder e da aprovação.

O fato de elas estarem em evidência, para Furman, gera uma dificuldade em lidar com o pecado da soberba que as fazem se sentir como ídolos, tornando-se escravas da auto adoração e à espera que as outras pessoas façam o mesmo. Muitas delas chegam a achar que a igreja que ela dirige não seria nada sem a sua presença e que as atividades só geram frutos por causa da atuação dessa esposa de pastor. Esse sentimento de idolatria é natural do ser humano e é a razão de todo pecado, nem sempre existe uma estátua para ser adorada essa atitude está implícita em nossa mente. (FURMAN, 1980, p.48,52,53)

Você sabe que uma oportunidade de ministério é maior que Jesus para você quando essa atividade é tirada de você, alterada ou quando você fica impedida de fazê-la e se sente abalada, arruinada, preocupada, ansiosa, insegura, insignificante, ignorada, com raiva, triste, traída ou perturbada. Você não verá razão para se preocupar com a perda desse privilégio a menos que, aos seus próprios olhos, você tenha dado mais valor a isso do que ao prazer de conhecer Jesus Cristo, seu Senhor. (FURMAN, 1980, p. 51,52).

Em nosso ponto de vista, Furman (1980) se expressa de forma muito generalizada, como se todas as mulheres que exercem ministérios na igreja na atualidade, só por estarem mais em evidência já estão em situação de orgulho colocando seus títulos e atividades acima do próprio Cristo. A questão da ordenação feminina pode ser discutida, o que não é nossa proposta nesse trabalho, mas com base no texto de provérbios podemos concluir que a mulher de Deus pode e deve exercer liderança espiritual na comunidade da fé, exercer papel de liderança em ações que propõe o valor e a restauração da dignidade do ser humano na sociedade, pode exercer sua realização pessoal e profissional, e ainda, exercer liderança transformadora no seu lar juntamente com seu esposo.

A esposa de pastor que se coloca aos pés do Senhor Jesus, é guiada por Ele em tudo que vai fazer, e percebe que a “obra” é de Deus e que todo aquele que se disponibiliza a trabalhar nela é “mordomo” de Deus. Essa, sim, sabe o lugar que ocupa, porque está lá porque Deus a colocou. Esse entendimento só é possível quando se tem maturidade. Há outras pesquisas que demonstram, na verdade, que as mulheres não estão procurando de forma vaidosa se impor, pois essas líderes dedicadas, como outras mulheres na sociedade em geral, na busca de se realizarem profissional e ministerial precisam lidar com os desafios de serem mulheres que lideram seus lares com seus maridos de forma digna e honrosa, o que nem sempre é fácil e simples. (MIRANDA, 2009, p. 48).

O fato é que as coisas mudaram e os estudos e discussões sobre o papel da mulher não pode retroceder. A igreja precisa manter sua fidelidade teológica ao Senhor e às Escrituras, mas o texto de Provérbios, como já temos observado, nos desafia a reconhecer que há muito mais que mulher já poderia estar exercendo na igreja e na sociedade do que antes pensávamos.

Nos últimos anos as mulheres estão exercendo cargos antes garantidos aos homens, embora ainda recebam menores salários. Elas não estão mais sendo educadas exclusivamente para o lar, mas sim para dividir seu tempo entre os cuidados do lar, esposo e dos filhos e o trabalho fora de casa. Ao compararmos a mulher atual com a de décadas atrás, percebemos inúmeras transformações no seu comportamento, na sua identidade e na sua atuação na sociedade. (MIRANDA, 2009, p. 59).

Ao contrário de buscarem cargos, poder e glória humana, a maioria das esposas de pastores que tem se destacado na igreja e na sociedade, procuram se preparar para servirem melhor a Deus e ao próximo. Procuram adquirir conhecimento intelectual, emocional e principalmente o conhecimento espiritual. Nas últimas décadas as mulheres líderes têm crescido assim, ainda que paguem um preço por isso. (DUSILEK, 1995, p.37). Mesmo com todas as adversidades, as esposas de pastores que tem se destacado no seu papel, têm, de forma segura, em suas mentes, que o papel dado por Deus a cada uma, é honroso.

O mais importante é que Deus entende cada uma e capacita cada esposa de pastor com dons dado por Ele. Assim como Deus falou a Josué “Esforça-te e tem bom ânimo; ..., teu Deus é contigo, por onde quer que andares.” (ver, p. ex., Js 1.9), assim o Senhor será com todas em todo tempo. Mesmo que ninguém a veja ou a entenda, Ele vê e entende. O Senhor deu às esposas de pastor e aos pastores, um ministério em conjunto, cada um fazendo sua parte para que a “obra” de Deus caminhe e dê frutos para o reino. Alegrem-se por fazer parte da magnitude dessa “obra”. Ser auxiliadora, parceira do pastor e não pastora reconhecida pelos membros da igreja, não diminui a importância do ministério da esposa de pastor. (DUSILEK, 1995, p. 95,96).

Isso tudo, desafia a necessidade de compreender, de fato, o que o sábio estava ensinando pelo Espírito Santo sobre a mulher, suas possibilidades, valores, contribuições, conquistas, honra, respeito, dignidade, reconhecimento em Deus, empreendimento feminino, realização feminina, sem abandono do lar, tristezas, opressões, frustrações e perda de identidade. Certamente o Senhor não teria o propósito de colocar de forma tão positiva o que seria uma representação de cobrança e peso sobre as mulheres, e sim, estaria desafiando tanto a mulher para as suas possibilidades diante da sociedade machista que jamais acreditaria em tais competências e habilidades em uma mulher sábia, temente a Deus, esposa cuidadosa do seu lar, empreendedora, honrada e feliz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou uma análise das crises e conflitos emocionais das esposas de pastores, que durante muito tempo foram esquecidas e pouco reconhecidas. Segundo Nancy Dusilek (1995) em seu

livro *A mulher sem nome*, essa rejeição fez com que as esposas de pastores se sentissem sem identidade, colocadas sempre em segundo plano. O fato dessa esposa de pastor não ter reconhecimento em relação às suas atividades da igreja, fez com que ela, muitas vezes, enxergasse a igreja como uma concorrente de sua família, distanciando-se ainda mais o ministério eclesiástico da família.

Com o intuito de compreender a realidade que as esposas de pastores vivem na atualidade, a presente pesquisa teve dois objetivos específicos. O primeiro, de entender os maiores desafios, crises e conflitos das esposas de líderes veterotestamentário por meio de análise bíblica. O segundo, de apurar com base no posicionamento de teólogos os reais desafios, crises e conflitos pelos quais as esposas de pastores têm passado.

O primeiro capítulo intitulado “Esposas de Líderes Espirituais: Análise Bíblica”, é um estudo bíblico das esposas de líderes espirituais do Antigo Testamento, salientando que esses líderes também exerciam posição sacerdotal diante de suas famílias, o que não privou suas esposas de passarem por desafios, crises e conflitos emocionais.

No segundo capítulo, com o título “Desafios, conflitos e crises da esposa do pastor: análise teológica, bibliográfica”, tendo como base autores teológicos que apresentaram obras sobre esse tema, constatou-se que há tempos esposas de pastores têm passado por problemas emocionais de diversas naturezas, e que pouco se falou ou tratou-se sobre isso. Da mesma forma, a pesquisa bibliográfica, mostrou que há uma transformação social imensa que vem acontecendo nas relações de gênero na sociedade o que afetou o papel da esposa do pastor de forma considerável, ao ponto de sair do anonimato para uma presença rica, intensa e profunda no ministério da igreja no seu contexto comunitário e no contexto social mais amplo.

Vimos que há aspectos em discussão teológica, no entanto, consideramos, com base no estudo de Provérbios 31, que as Escrituras indicam e defendem uma liderança feminina com relevância, presença, realização pessoal, profissional, ministerial e familiar, e que devemos lutar por essa realidade, não apenas com relação às esposas de pastores, mas com relação a todas as mulheres.

Conclui-se, portanto, que o papel da esposa de pastor passou por mudanças enormes no decorrer dos anos. As esposas de pastores antes

consideradas “mulheres sem nome”, na atualidade, pelo menos em algumas denominações evangélicas, elas estão bem mais presentes, são reconhecidas e, inclusive em algumas denominações recebem a titulação de “pastoras” e são honradas e valorizadas como tal. Essas esposas de pastores antes subutilizadas em suas igrejas, atualmente, têm seu espaço e apoio dos cônjuges e dos membros. Antes reprimidas, nos dias de hoje, algumas delas, inclusive são profissionais bem-sucedidas e reconhecidas, sem abandonar suas responsabilidades de mãe dedicada, esposas amorosas e pastoras sempre presente, que se esforçam para desempenhar todos esses “papéis” com excelência e fidelidade ao Senhor que as “chamou” para trabalhar na seara de Deus.

Há, portanto um número expressivo de esposas de pastores que se realizam enquanto mulheres, são cidadãs valorizadas, hábeis e competentes em seus afazeres, e exemplos de mães e líderes de seus lares com seus cônjuges. Elas estão presentes em várias ações concretas a favor dos seres humanos em geral, das mulheres e das crianças em situações de risco.

REFERÊNCIAS

ADAMS, Jay E. **Conselheiro Capaz**. São Paulo: Editora Fiel, 1982.

ALBUQUERQUE, José Faustino. **Teologia da Família**. São Paulo: Editora Mensagem para Todos, 1998.

ALENCAR, Gedeon. **Assembléia de Deus: Origem, Implantação e Militância**. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ANDRADE, Joshua. **A Mulher do Pastor**. Quem é ela? Rio de Janeiro: Editora Betel, 2015.

ARAÚJO, Israel de. **História do Movimento Pentecostal no Brasil: O Caminho do Pentecostalismo Brasileiro até os dias de hoje**. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2016.

ARNS, Cardeal Dom Paulo Evaristo, GORGULHO, Frei Gilberto, ANDERSON, Ana Flora. **Mulheres da Bíblia**. São Paulo: Editora Paulinas, 2004.

BERKHOF, Luiz. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, (Ano).

BLISS, Katherine. **The Service and Status of Women in the Church.** London: SCMPress, 1954.

BROWNBACK, Lydia. **Mulheres Sábias** – A Sabedoria dos Provérbios para as Mulheres. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2015.

BRUCE, Frederick Fyvie. **Comentário Bíblico NVI Antigo e Novo Testamentos.** São Paulo: Editora Vida, 2012.

CHAMPLIN, Russell Norman. **Antigo Testamento Interpretado Versículo por Versículo.** São Paulo: Editora Hagnos, 2001.

COMAY, Joan. **Quem é quem no Antigo Testamento.** Rio de Janeiro: Imago, 1998.

DEN, Benne. **Traumas Emocionais.** Itapajé, Ceará. 2008.

DORIANI, Dan. **Mulheres e Ministério.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2009.

DUSILEK, Nancy Gonçalves. **Mulher sem Nome.** São Paulo: Editora Vida, 1995.

FILHO, Caio Fábio D'Araújo. **A Mulher no Projeto do Reino de Deus.** Rio de Janeiro: Editora Vinde, 1997.

FURMAN, Gloria. **A Esposa do Pastor: fortalecida pela graça para uma vida de amor.** São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2016.

GEISLER, Norma I. **Ética Cristã: Alternativas e Questões Contemporâneas.** São Paulo: Editora Vida Nova, 1984.

GIL, Antônio Carlos. **Método e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Editora Atlas S.A, 1999.

GOWER, Ralph. **Novo Manual dos Usos e Costumes dos Tempos Bíblicos.** Rio de Janeiro: Editora CPAD, 1987.

HOEKEMA, Anthony. **Criados à imagem de Deus.** São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

KEMP, Judith. **A Esposa que Quero Ser. O Papel da Esposa no Casamento Cristão.** São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2012.

KIDNER, Derek. **Provérbios - Introdução e Comentário.** Coronel Dutra, SP: Editora Vida Nova, 1980.

KNIGHT, Dr. George. **A Lei de Deus e a Mulher.** Editora Projeto os Puritanos, 2014.

LIMA, Laudelina. **Segredos de Vida de uma Esposa de Pastor**. Rio de Janeiro: Editora Lan, 2014.

LOPES, Augustus, Nicodemos, LOPES, Minka Shalkwijk. **A Bíblia e sua família**. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

LUDOVICO, Isabelle. **O Resgate do Feminino**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2010.

MCCULLEY, Carolyn. **Feminilidade Radical**. Fé Feminina em um Mundo Feminista. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2017.

PFEIFFER, Charles F. **Comentário Bíblico – Moody (Vol 1)**. São Paulo: Editora Batista Regular, 2001.

SÁ, Luzinete. **A Mulher Sábia de Provérbios 31**. São Paulo: Editora Ágape, 2015.

TENNEY, Merril C., PACKER, J. I., JÚNIOR, William White. **Vida Cotidiana nos Tempos Bíblicos**. Editora Vida, 1982.

SANTANA, Maurício. **Jubileu de Ouro – Assembléia de Deus Goiás**. Goiânia: Editora Primavera, 1986.

SANTOS, Valdeci. **A Esposa do Pastor e a Solidão Ministerial**. IPB, 2019. Disponível na internet: <<http://www.ipb.org.br/informativo/a-esposa-do-pastor-e-a-solidao-ministerial-4275>>. Acesso em 17 de maio de 2019.